

A HEROIDUM EPISTULA VII EM DÍSTICO ELEGÍACO BRASILEIRO*Marina Cavichiolo Grochocki*¹

RESUMO: Propomos uma tradução da *Heroidum Epistula VII* em dístico elegíaco brasileiro, que tenta recriar o ritmo do dístico elegíaco latino através da oposição entre tônicas e átonas no português. Os hexâmetros contam com seis tônicas obrigatórias, podendo estar no espaço entre uma delas e a seguinte mais uma tônica ou uma ou duas átonas; os pentâmetros seguem a mesma lógica, mas atentando para uma cesura obrigatória depois do terceiro pé, que deve ser tônico, e também para o último pé, igualmente tônico. É feita uma breve discussão sobre a forma escolhida.

PALAVRAS-CHAVE: Heroides, Ovídio, tradução, Dido, dísticos elegíacos.

ABSTRACT: We propose a translation of the *Heroidum Epistula VII* in Brazilian elegiac distichs, which tries to recreate the rhythm of the Latin elegiac distichs through the contrast between stressed and unstressed syllables in Portuguese. The hexameters have six main stressed syllables, which can have in the space between any of them and the following one a stressed, or one or two unstressed syllables; the pentameters follow the same logic, but with a special feature: they have an obligatory caesura in the third foot, which must be stressed; the last foot also needs to be stressed. A short discussion about the chosen form is offered.

KEYWORDS: Heroidum Epistulae, Ovid, translation, Dido, elegiac distichs.

As *Heroidum Epistulae*, de Ovídio (apesar de não haver consenso sobre a autoria de várias delas e sobre a ordem na qual elas foram produzidas e organizadas)², são todas cartas destinadas a um par amoroso. A grande maioria delas explora a história de heroínas greco-romanas, como por exemplo a *Epistula VII*, aqui trabalhada. No caso desta, a carta de Dido, os críticos se sentem mais seguros sobre a autoria de Ovídio.

A história de Dido, também conhecida por Elissa, foi registrada pela primeira vez em Timeu de Taormina (352 – 256 a. C.). Sua morte teria sido um suicídio em uma pira, mas com a intenção de escapar do casamento com um rei Líbio. O

¹ Graduanda do curso de Letras na Universidade Federal do Paraná.

² Cf. THORSEN (2014), FULKERSON (2013).

encontro de Dido e Eneias, que parece ser anacrônico, foi sugerido provavelmente por Névio (21 a. C. – 38 d. C.; ver, por exemplo, frs. 23 e 28 Marmorale). Varrão defende que foi a irmã de Dido, Ana, quem se matou por amar o herói (BAILEY; HARDIE, 2012, p. 450).

A personagem Dido tem seu maior destaque no poema épico de Virgílio, *Eneida*, sendo inspirada em elementos da tradição anterior. O poeta a representa como uma poderosa rainha, governante de um povo com um brilhante futuro, mas que por vontade divina sucumbe lentamente depois que se apaixona por Eneias, até ter seu fim completo quando a partida do troiano é anunciada.

Em Ovídio, por outro lado, Dido é inspirada mais no contexto virgiliano e retrabalhada nos moldes da elegia. É mostrada por um lado mais humano, como uma mulher apaixonada e que ainda tenta reconquistar seu amado, por mais que saiba que é uma tentativa fadada a falhar, mas ao mesmo tempo sem demonstrar o mesmo furor que tem em Virgílio. A carta encerra com a descrição do suicídio e do epitáfio dela, sendo escrita no clímax do sofrimento da personagem.³

Sobre a tradução

Cada tradução poética é feita privilegiando diferentes aspectos do texto original. Nesta, busca-se manter um ritmo próximo ao do latim, usando a oposição entre sílabas tônicas e átonas no português para reproduzir a diferença entre longas e breves. O modelo escolhido foi conforme a tradução “dístico elegíaco alemão” proposta por Flores (2011): os hexâmetros contam com seis tônicas obrigatórias, podendo estar no espaço entre uma delas e a seguinte uma tônica ou uma ou duas átonas; os pentâmetros seguem a mesma lógica, mas atentando para uma cesura obrigatória depois do terceiro pé, que deve serônico, e também para o último pé, igualmenteônico. O esquema métrico ficaria assim:

³ Para uma reflexão sobre as semelhanças e diferenças entre os dois poetas romanos e quais as consequências delas, ver TEIXEIRA (2010).

Para os pés dátilos (— u u) ou espondeus (— —), há três opções de tradução (sendo T = sílaba tônica; A = sílaba átona):

1. T A A
2. T A
3. T T

Para os pés longos (—) do pentâmetro, só há uma opção:

1. T

Com a limitação imposta pelo ritmo escolhido, houve necessidade de grande concisão no caso dos pentâmetros, no latim não tão impactante devido à natureza da língua, mas que é sentida no português. O maior desafio lançado pela escolha da reprodução dos pentâmetros foi manter a clareza do sentido ocupando apenas esse pequeno espaço. Uma vez que o português não é tão comumente utilizado com tamanha concisão, a leitura da tradução gera o estranhamento comentado.

Outro ponto a ser destacado é a necessidade de palavras oxítonas ou monossilábicas nos pentâmetros, que exigem tônicas antes da cesura e no fim de cada verso. Como o número de palavras com essa tonicidade não é muito grande no português, a repetição de vocabulário se mostrou necessária, assim como a inversão da ordem das palavras, de modo que a oxítona ou o monossílabo estivesse na última posição antes da cesura e também no fim do verso. Se contamos o número de pentâmetros do poema, fica evidente a dificuldade em achar um vocabulário tão variado: são 98 versos, totalizando em 196 oxítonas ou monossílabos assim posicionados.

A forma escolhida se mostrou difícil de ser trabalhada, mas, por outro lado, gerou um resultado que ressalta bem a oposição entre os hexâmetros e os pentâmetros latinos, o que cumpre sua proposta de recriação do ritmo original.

Optou-se por seguir a edição latina proposta por Knox (1995).

*A tradução*⁴

Heroidum epistolae VII

Tal como quando chama a morte, cantando jogado em

ervas cisne marfim, junto a meândrico rio.

Não porque espero mover-te com essa prece só minha

falo – o arbítrio do deus vai ao contrário de mim.

Mas, merecendo, fama, meu corpo e espírito puro

5

para o meu mal gastei: posso palavras perder.

Certo de ir, de deixar tão mísera Dido sozinha?

Velas e toda a fé ventos iguais levarão?

Certo estás, Eneas, de desatar naus e pactos,

de ítalos reinos seguir, se onde estão não prevês?

10

Nem recente Cartago, nem muros crescentes te tocam,

nem o poder para o teu cetro entregue por mim?

Foges do feito só pelo afazer e encontrada uma terra

queres ainda encontrar outra no orbe pra ti.

Quem te dará tua posse, supondo que encontres a terra?

15

Sendo ignoto varão, quem tuas terras dará?

Outro amor reservado, decerto, a ti, mais uma Dido;

com juramento falaz outra mulher enganar.

Quando é que erguerás uma urbe tal como Cartago e

da cidadela verás, alto, o teu povo surgir?

20

Se a ti tudo vier e nem deuses tardarem vontades,

onde uma esposa acharás que te deseje sem fim?

Queimo como tochas de cera incitadas com enxofre,

tal como incensos no altar esfumaçado, tão pios.

⁴ Tradução apresentada para a disciplina de Língua Latina VI na UFPR, sob orientação do Prof. Dr. Rodrigo Tadeu Gonçalves, com colaboração dos Profs. Drs. Alessandro Rolim de Moura e Guilherme Flores.

Fica-me sempre Eneias na vigília dos olhos; 25
fica-me Eneias na paz dada pelo anoitecer.
Ele, que mal agradece e é surdo pras minhas ofertas,
que, se eu fosse sagaz, longe teria de mim.
Não sinto ódio de Eneias, mesmo que venha com males
(só não tolero traição); queixo-me e amo pior. 30
Poupa, ó Vênus, a nora; o duro irmão tu abraça e
faz o irmão, ó Amor, na tua tropa servir!
A mim, que comecei a amar (pois isso não nego),
que motivos me dê pra minha preocupação!
Desapontada, o sonho meu passa e revela-se falso: 35
ele difere da mãe na natureza de ser.
Tu por montanhas criado, por pedras, por feras selvagens,
e por carvalho também, originado em calhau
ou pelo o mar, que agitado por ventos também vês agora e
pra onde queres ir mesmo com ondas hostis. 40
Foges pra onde? A chuva te prende – que assim continue.
Vê como o Euro conduz as agitadas marés!
O que a ti preferia dever, darei à procela.
O ânimo d’água e do ar é mais correto que o teu.
Não sou eu tanto – o que tu não julgas erroneamente? – 45
para que morras se tu foges de mim pelo mar.
Ódio custoso exerces e resolução persistente
se é tão pouco o morrer quando te ausentas de mim.
Logo os ventos se acalmam e soltam as ondas, aplanam;
Com seus cerúleos corcéis corre Tritão pelo mar. 50
Ah, se tu fosses mutável como as correntes de vento –
se não vencer em rigor mesmo o carvalho, serás.
Como se o que águas insanas podem tu não soubesses,

crês mal nas águas que já se revelaram tão ruins?
Tendo propícios mares as cordas da nau soltarias? 55
Mas esse largo mar muitas tristezas contém.
Nem águas favorecem quem tenta quebrar confiança;
esse local punição lança aos que pérfidos são,
mais ainda ao amor ofendido, pois mãe dos Amores,
lá no citérico mar, nua, tal dizem, nasceu. 60
Temo, perdida, que ele se perca, que eu fira o perverso,
que apesar de hostil, náufrago, beba do mar.
Vive, eu imploro! Assim te perder é melhor que em exéquias.
É preferível que tu sejas a mim destruição.
Finge estar, vai, - que meu agouro não seja pesado! – 65
preso no rápido mar; o que na mente terás?
Logo virão os perjúrios de uma língua tão falsa e
por esse frígio ardil Dido impelida ao seu fim;
ante os teus olhos imagem da cônjuge desesperada,
ensanguentada e com soltos cabelos, tão só. 70
O que é preciso pra que tu digas “Ide! Mereço!”,
pra que presumas que os raios em ti cairão?
À dureza do pélago dá mais um tempo e à tua;
pela espera terás prêmio: via com paz.
Tua aflição que eu não seja, mas poupa - que é jovem - teu lulo! 75
Basta que tenhas em ti crédito pelo meu fim.
O que o jovem Ascânio e deuses Penates fizeram?
Deuses tirados do fogo afogados no mar?
Mas não os levas contigo, nem, falso, do que tu te gabas,
nem nos teus ombros o pai ou compromisso pio tens. 80
Mentes em tudo, pois não fui primeira enganada por tua
língua e nem punição fui a primeira a sofrer.

Onde está, questionas, a mãe do formoso, de Iulo?
Pelo marido cruel abandonada, morreu!
Isso contaras a mim já – deuses me poupem! E queima 85
quem bem merece; será pena menor que o pesar.
Não há dúvida em minha mente que os numes te danam.
Pelos torrões e por mar, por sete invernos vagou.
O arremessado por ondas, em costa segura mantive.
Mal escutado o teu bom nome, meus reinos te dei. 90
Fosse eu contente com seus agradecimentos apenas,
e sem o rumor da união fosse enterrada também!
Este dia feriu-me: nós à caverna levados
pelo azul temporal de repentino cair.
Voz escutei; os lamentos de ninfas pensei que seriam – 95
eram Eumênides com indicação do porvir.
Finda as penas, pudor leso, e violada do meu leito a
jura e reputação não preservada no fim, 97a
nem vós, manes meus, nem Siqueu, seu ânimo e cinza, 97b
a quem, ai de mim, cheia de pejos eu vou.
Há em meu templo marmóreo Siqueu, uma estátua sagrada,
folhas opostas e lâ alva acobertam o marfim. 100
Eu me senti quatro vezes chamada por voz conhecida.
Disse ele próprio em som tímido “Elissa, vem tu!”
Sem demora vou, desditosa esposa, até ti vou;
tardo, porém, com pudor pelo delito que fiz.
Dá perdão para a culpa! Idôneo autor enganou-me; 105
de tal injúria que fiz ele remove o rancor.
Mãe divina e o velho pai, obrigação de pio filho,
deram a mim ilusão de que serias fiel.
Caso eu tenha errado, há causas honestas no erro;

permanecendo fiel não haveria pesar. 110
Dura, no extremo do desenlace do fim de meus dias,
peso dos fados, que já foram traçados sem mim.
Meu marido morreu, no altar do lar sacrificado,
e tem prêmio por tais crimes meu pérfido irmão.
Deixo as cinzas do esposo e a pátria, exilada, 115
e suporte infeliz via, seguida por vis.
Nessas costas aporto, do mar e do irmão fugitiva.
Dei-te meu litoral, pérfido, que antes comprei.
Constituí cidade e fixei acessíveis e largos
muros, inveja e ambição dos fronteiros locais. 120
Guerras surgiram: por guerras testada, mulher e estrangeira,
mal construí os portões, já preparei legião.
Mil pretendentes somei, que juntos a mim reclamaram
que coloquei não-sei-quem antes dos tálamos seus.
Por que hesitas em dar-me, vencida, à Getúlia de Iarbas? 125
Às tuas transgressões eu os meus braços expus.
Há meu irmão também, cujas ímpias mãos poderiam
minhas vísceras ter, junto às do cônjuge meu.
Deixa o que é sacro e os deuses, que com teu toque profanas!
Não é bom que ímpia mão louve celeste qualquer. 130
Se eras adorador destinado dos salvos do fogo,
deuses salvos do fogo já sentem pesar.
Grávida Dido e também, celerado, talvez abandones
parte de ti que está dentro, latente, de mim.
Fado igual ao da mãe sofrerá o miserável infante 135
e o não nato terá a ti como autor de seu fim.
Junto da própria mãe morrerá o irmão do teu Iulo
e uma só pena os dois de uma vez já levará.

“Mas que eu vá determina um deus.” Que tua vinda vetasse –
nunca tocado por pé Teucro meu púnico chão! 140
Por esse deus que te move, decerto, és jogado por ventos
e desgastas-te por tempo tão longo no mar?
Nem buscada devia ser Pérgamo com esses labores
se hoje fosse tal como era com teu Heitor.
Não desejas Símois pátrio, mas ondas do Tibre. 145
Se conseguires chegar, hóspede apenas serás.
Como, obscura, esconde-se e as tuas quilhas evita,
terra querida por ti tu tocarás só senil.
Ter como dote esse povo é melhor, suspende as andanças,
toma também os bens antes de Pigmalião. 150
Se transpuseres Ílion à Tíria, sorte propícia,
posto e coisas de rei, cetro sagrado terás!
Se é tua mente por guerras ávida e Iulo procura
donde o triunfo por si próprio, pra Marte, virá,
quem superar e inimigos teremos – nada faltando. 155
Cá estão leis de paz, cá para as armas local.
Tu só – pela mãe e armas do irmão teu, as flechas,
por quem te segue ao fugir, sacro dardânio deus,
(para que vivam todos da gente tua, levados
por deus Marte, feroz; seja pra ti fim da dor, 160
que complete seus anos Ascânio alegremente,
que repousem em paz ossos de Anquises ancião!) –
cuida, imploro, da casa que é dada pra teres tu próprio!
Dize-me: além de te amar, qual infração cometi?
Não sou eu Ftia, nem originária da grande Micenas, 165
nem meu marido ou pai contra ti foram rivais.
Tendo vergonha de esposa, não noiva, diz hospedeira;

Dido suporta qualquer coisa ser se tua for.
Notos por mim são os mares que batem na costa africana;
em certas estações via ou negam ou dão. 170
Quando as brisas derem via, darás tuas velas;
por agora mantêm algas imóvel a nau.
Deixa que eu observo o tempo; irás tu mais tarde.
Nem se quiseses ficar eu a ti permitirei.
Pedem também por repouso os colegas e a frota lesada – 175
por não refeita estar, breves tardares requer.
Pelos meus méritos e algo mais que poderia ofertar-te e
não esperando himeneu, peço por tempo fugaz.
Com os mares e o amor acalmando, com tempo e costume,
treino, mais forte, o poder essas tristezas sofrer. 180
Do contrário, no ânimo está derramar minha vida;
muito mais não és capaz de ser comigo cruel.
Ah, se tu visses apenas a imagem daquela que escreve!
Escrevo e está no colo troiano punhal,
pelas faces lágrimas caem direto na espada, 185
que não com lágrimas, com sangue molhada será.
Quão bem as tuas ofertas com fado meu correspondem!
Constróis meu mausoléu caro em tempo veloz.
Nem agora uma vez só meu peito é ferido com arma;
já há ferida ali feita por ríspido Amor. 190
Ana irmã, irmã Ana, cúmplice da minha culpa,
logo oferenda darás, última vez, ao meu pó.
Nem serei “de Siqueu Elissa” na pira queimada
e este epigrama estará junto no túmulo meu:
VEIO DE ENEIAS A CAUSA DA MORTE, TAMBÉM A ESPADA; 195
DIDO, USANDO A MÃO SUA ELA MESMA, MORREU.

REFERÊNCIAS

- BAILEY, C.; HARDIE, P. Dido. In: HORNBLOWER, S.; SPAWFORTH, A. (eds.). **The Oxford Classical Dictionary**. Oxford: Oxford University Press, 2012, p. 450.
- FLORES, G. G. “Tradutibilidades em Tibulo”, 3.20. *Scientia Translationis*, n. 10, p. 141-50, 2011.
- FULKERSON, Laurel. “The Heroides: Female Elegy?” In: KNOX, Peter E. (ed.). **A Companion to Ovid**. Oxford: Blackwell Publishing Ltd., 2013, p. 78-89.
- KNOX, P. E. (ed.). **Ovid Heroides: select epistles**. Cambridge: Cambridge University Press, 1995.
- TEIXEIRA, C. A. “Dido em Virgílio e Ovídio: figurações do poder no feminino”. In: PIMENTEL, M. C. de S.; RODRIGUES, N. S. (eds.). **Sociedade, poder e cultura no tempo de Ovídio**. Coimbra: Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos, 2010, p. 101-9.
- THORSEN, Thea S. **Ovid's Early Poetry: from his single Heroides to this Remedia amoris**. Cambridge: Cambridge University Press, 2014.